



EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Holismo semântico moderado

Moderate holism

Holismo semántico moderado

Kênio Angelo Dantas

Freitas Estrela¹

orcid.org/0000-0003-3899-3004

kestrela@uft.cl

Recebido em: 09 abr. 2025.

Aprovado em: 15 jun. 2025.

Publicado em: 16 jan. 2026.

Resumo: Este artigo defende uma versão moderada do holismo semântico, com base na proposta de Henry Jackman. Após distinguir atomismo, molecularismo e holismo como posições fundamentais sobre o significado, o texto apresenta as origens e críticas ao holismo radical — especialmente os argumentos de Fodor e Lepore contra a tese de instabilidade. Em seguida, analisa três modelos contemporâneos que reformulam o holismo sem incorrer em seus compromissos mais problemáticos: Ted Warfield, com a noção de superveniência inferencial; Peter Pagin, ao compatibilizar holismo e composicionalidade; e Jackman, que desenvolve um contextualismo metasemântico robusto. A tese defendida é a de que os significados linguísticos dependem de redes conceituais e contextuais, mas sem exigir interdependência irrestrita entre todos os elementos da linguagem. O modelo de Jackman destaca-se por introduzir o peso relativo das crenças, o princípio de caridade e a expectativa de convergência interpretativa, explicando como a estabilidade semântica é preservada mesmo diante da variabilidade contextual. O artigo apresenta formalizações que modelam o significado como função de contexto e crenças, e como conjunto ponderado de inferências relevantes. Essas ferramentas analíticas são aplicadas a fenômenos linguísticos evidenciando o poder explanatório da proposta. Ao articular significado, contexto e práticas discursivas, o holismo semântico moderado emerge como uma alternativa teórica sólida e refinada para compreender a dinâmica semântica das línguas naturais.

Palavras-chave: holismo semântico moderado; Henry Jackman; significado; contextualismo metasemântico; variabilidade semântica.

Abstract: This article defends a moderate version of meaning holism, based on Henry Jackman's proposal. After distinguishing atomism, molecularism, and holism as fundamental positions on meaning, the paper outlines the origins and major criticisms of radical holism—particularly the arguments advanced by Fodor and Lepore against the instability thesis. It then examines three contemporary models that reformulate holism while avoiding its most problematic commitments: Ted Warfield's notion of inferential supervenience; Peter Pagin's reconciliation of holism and compositionality; and Jackman's development of a robust metasemantic contextualism. The central claim is that linguistic meanings depend on conceptual and contextual networks, without requiring unrestricted interdependence among all elements of language. Jackman's model stands out by introducing the relative weight of beliefs, the principle of charity, and the expectation of interpretive convergence, offering an account of how semantic stability is maintained despite contextual variability. The article presents formal tools that model meaning as a function of context and beliefs, and as a weighted set of relevant inferences. These analytical frameworks are applied to linguistic phenomena, revealing the explanatory strength of the proposal. By articulating meaning, context, and discursive practices, moderate semantic holism emerges as a solid and refined theoretical alternative for understanding the semantic dynamics of natural languages.

Keywords: Moderate Holism; Henry Jackman; Meaning; Metasemantic Contextualism; Semantic Variability.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ Universidad Finis Terrae, Santiago, Chile.

Resumen: Este artículo defiende una versión moderada del holismo semántico, basada en la propuesta de Henry Jackman. Luego de distinguir entre atomismo, molecularismo y holismo como posturas fundamentales respecto del significado, el texto presenta los orígenes y las críticas al holismo radical —en particular, los argumentos de Fodor y Lepore contra la tesis de inestabilidad. A continuación, se analizan tres modelos contemporáneos que reformulan el holismo sin incurrir en sus compromisos más problemáticos: Ted Warfield, con la noción de superveniencia inferencial; Peter Pagin, al compatibilizar holismo y composicionalidad; y Jackman, quien desarrolla un contextualismo meta-semántico robusto. La tesis defendida sostiene que los significados lingüísticos dependen de redes conceptuales y contextuales, sin requerir una interdependencia irrestricta entre todos los elementos del lenguaje. El modelo de Jackman se destaca por introducir el peso relativo de las creencias, el principio de caridad y la expectativa de convergencia interpretativa, explicando así cómo se preserva la estabilidad semántica a pesar de la variabilidad contextual. El artículo presenta formalizaciones que modelan el significado como una función del contexto y de las creencias, y como un conjunto ponderado de inferencias relevantes. Estas herramientas analíticas se aplican a fenómenos lingüísticos, evidenciando el poder explicativo de la propuesta. Al articular significado, contexto y prácticas discursivas, el holismo semántico moderado se presenta como una alternativa teórica sólida y refinada para comprender la dinámica semántica de las lenguas naturales.

Palabras clave: holismo semántico moderado; Henry Jackman; significado; contextualismo metasemántico; variabilidad semántica.

Introdução

O holismo semântico é uma teoria que trata da forma como se atribui significado às palavras em uma língua natural, considerando suas inter-relações dentro de um sistema linguístico mais amplo. A ideia central é a de que os significados não são atribuídos de modo isolado, mas dependem, em maior ou menor grau, de outras expressões e do conjunto linguístico ao qual pertencem.

Em geral, as versões do holismo semântico derivam de uma visão mais ampla, vinculada ao holismo mental ou cognitivo. Assim, o holismo semântico se situa na interseção entre a filosofia da linguagem e outras disciplinas filosóficas, como a filosofia da mente, a epistemologia e a filosofia da matemática. Sua hipótese básica pode ser resumida da seguinte forma:

(δ) O significado de uma expressão depende da totalidade ou de uma parte significativa da língua à qual pertence.

Essa proposição tem gerado diversas interpretações ao longo da história da filosofia da linguagem. A maioria dos autores concorda com o princípio básico do holismo semântico, mas diverge quanto ao grau de dependência semântica envolvido. Desse modo, costumam ser distinguidas duas formas principais:

- (i) o significado de uma expressão depende da totalidade da língua;
- (ii) o significado de uma expressão depende de uma parte importante da língua.

Essas posições suscitam problemas relevantes, sobretudo no que diz respeito à relação entre o significado e o conhecimento linguístico ou extralinguístico dos falantes. Também levantam questões quanto aos critérios mínimos para se considerar algo um sistema linguístico. Um exemplo clássico está na discussão de Alan Weir em "Against Holism" (1985).

Considere-se, por exemplo, o termo "árvore". Para compreendê-lo, seria necessário conhecer toda a estrutura da língua portuguesa ou apenas uma parte significativa dela? De acordo com o holismo semântico, entender esse termo exige inseri-lo em um sistema conceitual mais amplo, e não apenas conhecer uma definição isolada. O significado de "árvore" como planta perene com tronco lenhoso, por exemplo, depende do grau de familiaridade do intérprete com os usos linguísticos e conceituais associados ao termo no conjunto da língua portuguesa.

Essa abordagem permite explicar por que o significado não se esgota em um dicionário ou em relações diretas entre palavras e objetos. O significado depende do lugar ocupado por cada expressão dentro de uma rede de usos, inferências e crenças.

Autores como Peter Pagin (2005) e Henry Jackman (2014) desenvolveram versões moderadas do holismo semântico para enfrentar os principais problemas que lhe são atribuídos, como a indeterminação do significado e a impossibilidade de comunicação entre falantes. Pagin enfatiza a compatibilidade entre holismo e composi-

cionalidade; Jackman, por sua vez, introduz o contextualismo metasssemântico como solução para a tese de instabilidade. Ambas as propostas partem do reconhecimento de que os significados dependem do contexto mais amplo de uso.

Ainda que menos difundida, a proposta de Eli Dresner (2002) também merece destaque por relacionar holismo linguístico, aquisição da linguagem e lógica algébrica. Ele argumenta que o significado é determinado por posições relacionais em um sistema, de modo que nenhuma expressão tem sentido de forma autônoma. A compreensão linguística é, assim, um processo de articulação entre partes interdependentes.

Dresner resume sua tese da seguinte maneira:

Holism is the view that what a natural language expression means is derived from its place in the whole linguistic structure it is a part of. [...] Meaning holism consists in the following claim (H): All semantic interconnections (of a specified kind) among the expressions of a given language are constitutive for each of them to mean what it does. These connections are essential for expressions to have their meaning, and are not merely derived from meanings that can be assigned to each expression alone, independently of others (2002, p. 1)².

A partir desse panorama, torna-se possível entender as principais críticas ao holismo, como as formuladas por Fodor e Lepore (1992). Segundo esses autores, o holismo comprometeria a inteligibilidade dos significados e dificultaria o aprendizado, a comunicação e a tradutibilidade. Eles classificam as propriedades semânticas em atômicas, anatômicas e holísticas, destacando o risco de se adotar propriedades holísticas como critérios semânticos.

No entanto, como se propõe neste artigo, tais críticas derivam de uma interpretação radical do holismo, associada à chamada tese de instabilidade. Esta tese afirma que qualquer mudança em uma crença implicaria uma reconfiguração completa do sistema de significados. A proposta aqui defendida é a de que o holismo semântico

pode ser reformulado de forma moderada, sem depender dessa tese.

Antes de avançarmos, convém distinguirmos três posições fundamentais no debate sobre o significado: o atomismo semântico, o molecularismo e o holismo. O atomismo sustenta que o significado de uma expressão é determinado de forma isolada, sem depender de outras partes da linguagem. O molecularismo propõe que o significado depende apenas de um subconjunto restrito da linguagem, como certas inferências ou contextos locais, sem exigir a totalidade do sistema. Já o holismo semântico, foco deste artigo, afirma que o significado de uma expressão está relacionado com um conjunto mais amplo de elementos linguísticos e conceituais, variando conforme o grau de interdependência envolvido. Essas distinções nos ajudarão a compreender melhor as versões moderadas discutidas adiante.

É justamente uma dessas versões moderadas que se defende neste trabalho, expressa na seguinte formulação:

(ε) O significado de uma expressão x em uma língua φ está relacionado com o significado das demais expressões da língua φ , bem como com as crenças atribuídas aos falantes de φ .

Esse modelo permite preservar os aspectos positivos do holismo — como a interdependência e a sensibilidade contextual — sem incorrer nas consequências indesejáveis da instabilidade global. O texto que se segue analisará as principais propostas contemporâneas de holismo semântico moderado e defenderá a proposta de Henry Jackman como a mais consistente e fecunda entre elas.

Nosso percurso será dividido em quatro seções principais: primeiro, traçamos um panorama histórico e conceitual do holismo semântico e suas críticas; em seguida, examinamos três propostas contemporâneas de holismo moderado; depois, aprofundamos a análise da teoria de Jackman; por fim, aplicamos esse modelo a fenômenos

² Tradução própria: "O holismo é a visão segundo a qual o que uma expressão de linguagem natural significa deriva de sua posição na estrutura linguística total da qual faz parte. [...] O holismo do significado consiste na seguinte afirmação (H): todas as interconexões semânticas (de um tipo especificado) entre as expressões de uma determinada língua são constitutivas para que cada uma delas signifique o que significa. Essas conexões são essenciais para que as expressões tenham significado, e não meramente derivadas de significados que poderiam ser atribuídos a cada expressão isoladamente, independentemente das outras".

linguísticos concretos, para então apresentar as considerações finais.

1 O holismo semântico: gênese, versões e críticas

O termo "holismo" tem origem na palavra grega *hólos*, que significa "todo", "inteiro" ou "conjunto". Foi introduzido na filosofia moderna por Jan Smuts em sua obra *Holism and Evolution* (1926), em que o autor defendia a ideia de que o todo é mais do que a simples soma das partes. Desde então, a noção de holismo foi apropriada por diferentes áreas do saber, inclusive pela filosofia da linguagem.

No âmbito da filosofia da linguagem, o holismo semântico surge como uma tese sobre a interdependência dos significados linguísticos. Em sua formulação mais radical, essa tese sustenta que o significado de uma expressão não pode ser compreendido de forma isolada, mas apenas em relação com outras expressões da mesma língua. Trata-se, portanto, de uma posição que se opõe tanto ao atomismo quanto ao molecularismo semântico.

O atomismo semântico defende que os significados são determinados por propriedades isoladas de expressões linguísticas, isto é, que cada termo ou sentença possui seu significado de maneira independente. Já o molecularismo semântico propõe que o significado de uma expressão depende de um subconjunto da linguagem, sem que isso envolva a totalidade do sistema. Em contraste, o holismo semântico sustenta que os significados dependem de uma parte significativa ou, em casos mais radicais, da totalidade da língua.

Essa distinção é fundamental para compreender a posição do holismo semântico tradicional, cuja hipótese pode ser expressa da seguinte maneira:

(δ) O significado de uma expressão depende da totalidade ou de uma parte significativa da língua à qual pertence.

As consequências dessa tese se estendem a múltiplas áreas: compreensão, comunicação, aquisição de linguagem, tradução e até mudança

de crença. Dentre os autores que mais fortemente criticaram o holismo semântico, estão Jerry Fodor e Ernest Lepore, cujas obras buscaram evidenciar os problemas teóricos derivados dessa posição.

Em seu influente livro *Holism: A Shopper's Guide* (1992), Fodor e Lepore argumentam que o holismo semântico conduz a uma série de dificuldades que comprometem sua plausibilidade teórica. Segundo os autores, uma dessas dificuldades é a instabilidade semântica: se os significados dependem da totalidade do sistema linguístico, qualquer alteração mínima nas crenças ou no vocabulário de um falante poderia provocar uma mudança global nos significados. Além disso, sustentam que essa tese compromete a possibilidade de comunicação, uma vez que, se cada indivíduo possui crenças ligeiramente diferentes, seus sistemas de significados também divergiam, tornando a troca de informações entre interlocutores altamente incerta. Outro problema apontado é a intradutibilidade: se os significados estão distribuídos de forma interdependente ao longo de todo o sistema linguístico, não seria possível estabelecer uma correspondência exata entre línguas distintas, inviabilizando a tradução precisa. Por fim, Fodor e Lepore consideram que o holismo radical torna a aprendizagem linguística praticamente impossível, já que o domínio progressivo de uma língua exigiria, paradoxalmente, o conhecimento prévio da totalidade do sistema.

Para ilustrar os compromissos assumidos por uma teoria semântica, Fodor e Lepore propõem uma tipologia das propriedades semânticas que distingue entre propriedades atômicas, anatômicas e holísticas. As propriedades atômicas seriam aquelas atribuíveis a um único item de forma independente, como no caso da propriedade de "ser vermelho", que pode ser instanciada isoladamente. Já as propriedades anatômicas pressupõem a existência de pelo menos outro item para que possam ser atribuídas, como ocorre com a propriedade de "ser casado", que exige a presença de um segundo indivíduo em relação. Por fim, as propriedades holísticas são aquelas cujo reconhecimento depende de uma rede complexa de inter-relações, sendo que o

significado de uma sentença, por exemplo, só poderia ser compreendido adequadamente em função de todo um sistema linguístico. Com base nessa classificação, os autores argumentam que a adoção de propriedades holísticas como critério semântico acarreta consequências indesejáveis: ela compromete a estabilidade dos significados, dificulta a comunicação entre os falantes e inviabiliza a transmissão confiável de conhecimento.

Além disso, os críticos afirmam que o holismo semântico compromete a possibilidade de explicação teórica na linguística e na filosofia da linguagem. A tese da instabilidade, em particular, afirma que qualquer modificação em uma crença ou expressão de um falante implica necessariamente uma reconfiguração geral do sistema de significados. Trata-se de um corolário radical do holismo que torna a própria noção de significado excessivamente fluida e, portanto, inoperante.

Entretanto, essa versão extrema do holismo foi frequentemente usada como um "espantalho" — uma caricatura teórica construída para ser facilmente atacada. Diversos autores, como Robert Brandom e Michael Dummett, mostraram que é possível defender uma forma de holismo mais moderada, compatível com a estabilidade semântica e com a possibilidade de comunicação e aprendizado.

Nesse contexto, surgem as propostas de holismo semântico moderado, que visam preservar a ideia de interdependência dos significados sem incorrer nas consequências mais problemáticas associadas à formulação tradicional da tese. Nos últimos trinta anos, destacaram-se ao menos três versões relevantes dessa abordagem: Ted Warfield propôs, em 1993, uma versão inferencialista mais flexível, fundada na ideia de superveniência; Peter Pagin, em textos publicados entre 1997 e 2005, buscou demonstrar a compatibilidade entre o holismo e o princípio da composicionalidade, reformulando este último em termos mais funcionais; Henry Jackman desenvolveu, ao longo de vários trabalhos entre 1999 e 2015, uma reformulação do holismo baseada em um modelo de contextualismo metassemântico robusto, com atenção especial à estabilidade do significado

em contextos reais de uso. A seguir, essas três propostas serão analisadas, com destaque para a de Jackman, que constitui o alicerce da teoria defendida neste artigo.

2 Propostas contemporâneas de holismo semântico moderado

A rejeição generalizada ao holismo semântico ao longo das últimas décadas está profundamente associada à interpretação mais radical da teoria — aquela segundo a qual todo significado depende de forma irrestrita da totalidade da linguagem e, por conseguinte, qualquer modificação em uma crença ou expressão individual implicaria uma reconfiguração completa do sistema semântico. Essa concepção extrema implica consequências indesejáveis para a filosofia da linguagem, como a instabilidade dos significados, a incomunicabilidade entre falantes com crenças distintas, a impossibilidade de traduzir entre línguas diferentes e a inviabilidade do aprendizado linguístico gradual. Não por acaso, essa leitura foi fortemente criticada por autores como Fodor e Lepore, cujos argumentos tornaram-se paradigmas da resistência ao holismo nos círculos analíticos.

Contudo, é preciso reconhecer que tal rejeição decorre, em grande medida, de uma caricatura do holismo semântico, um "espantalho teórico" construído para ser facilmente derrubado, e que não necessariamente reflete as versões mais sofisticadas e realistas da tese. Diversos filósofos contemporâneos têm argumentado que é possível reformular o holismo semântico de modo a evitar os riscos teóricos apontados por seus críticos, sem abandonar sua intuição central: a de que os significados são determinados, ao menos parcialmente, por seu lugar em uma rede conceitual e linguística mais ampla.

Nesse cenário, surgem as propostas de holismo semântico moderado, que buscam conservar a interdependência semântica entre expressões, um dos elementos mais frutíferos da teoria, ao mesmo tempo que rejeitam a tese de instabilidade e os compromissos mais drásticos do holismo tradicional. Essas versões moderadas

defendem que o significado de uma expressão está condicionado por um conjunto relevante de relações inferenciais e contextuais, mas não por todas as crenças ou por toda a linguagem de forma global e fixa.

Entre os autores que buscaram desenvolver versões alternativas ao holismo tradicional, destacam-se três contribuições especialmente relevantes. Ted Warfield propõe uma leitura mais flexível da relação entre significado e inferência, ao sugerir que os significados não se identificam com os papéis conceituais, mas sim sobrevivem a eles. Peter Pagin, por sua vez, explora a possibilidade de conciliar o holismo com a composicionalidade, reformulando esta última como uma ferramenta explicativa em vez de um princípio estrito. Já Henry Jackman oferece a proposta mais abrangente ao articular o holismo com um modelo de contextualismo metasemântico, rejeitando a tese de instabilidade e fornecendo mecanismos concretos para explicar a estabilidade do significado em contextos reais de uso linguístico.

Embora compartilhem uma crítica comum às implicações problemáticas do holismo radical, essas abordagens diferem entre si em seus objetivos centrais, no grau de formalização adotado e na ênfase atribuída aos fatores inferenciais, composicionais ou contextuais envolvidos na determinação do significado. A seguir, apresentaremos cada uma dessas propostas, com atenção especial à de Henry Jackman, que fundamenta a perspectiva defendida neste artigo.

2.1 Ted Warfield: significado e superveniência inferencial

A primeira tentativa explícita de desenvolver uma versão moderada do holismo semântico aparece no artigo de Ted Warfield, intitulado "On a Semantic Argument Against Conceptual Role Semantics" (1993). Nesse trabalho, Warfield reage diretamente às críticas formuladas por Fodor e Lepore contra a semântica de papéis conceituais (ou "semântica inferencialista"), e sugere que muitos dos argumentos contrários ao holismo se apoiam em pressupostos indevidamente fortes.

Warfield propõe uma distinção crucial entre duas maneiras de relacionar significado e papéis conceituais. De um lado, estaria a versão mais forte do inferencialismo, segundo a qual o significado de uma expressão é estritamente idêntico ao seu papel inferencial. De outro, há uma alternativa mais moderada e plausível, segundo a qual o significado sobrevém aos papéis inferenciais, isto é, embora o papel inferencial influencie o significado, ele não o esgota completamente, e pequenas variações inferenciais não implicam necessariamente uma alteração semântica.

A segunda formulação é a que Warfield considera mais promissora. Segundo ele, não é necessário afirmar que os significados são os papéis inferenciais para reconhecer que há uma correlação sistemática entre significado e inferência. A ideia de superveniência implica que, se dois termos diferem em significado, isso se refletirá em alguma diferença nos seus papéis inferenciais; contudo, isso não significa que o papel inferencial esgote o significado.

Esse deslocamento conceitual permite suavizar os compromissos ontológicos do holismo semântico. Em vez de postular que qualquer mudança inferencial altera necessariamente o significado de uma expressão, Warfield sugere que há padrões estáveis que podem garantir a constância semântica mesmo diante de variações marginais nos contextos ou nas crenças dos falantes. Com isso, o autor oferece uma resposta à chamada "tese de instabilidade", sem abandonar a intuição central do holismo: a interdependência entre os elementos linguísticos.

Contudo, apesar de seu valor conceitual, a proposta de Warfield permanece em estágio inicial. O autor não chega a desenvolver um modelo formal para descrever a relação de superveniência nem especifica os limites da estabilidade inferencial. Sua proposta funciona como um ponto de inflexão teórica, apontando para a viabilidade de um holismo moderado, mas sem consolidar ainda uma teoria completa. Essa lacuna será abordada mais adiante por Peter Pagin e, sobretudo, por Henry Jackman.

2.2 Peter Pagin: holismo compatível com composicionalidade

A proposta de Peter Pagin surge como um esforço para responder a um dos principais desafios ao holismo semântico: sua aparente incompatibilidade com o princípio da composicionalidade. Em seu artigo "Is compositionality compatible with holism?" (1997), Pagin reconhece que, à primeira vista, essas duas posições parecem inconciliáveis. Enquanto o holismo afirma que o significado de uma expressão depende de seu papel dentro de uma rede linguística ampla, a composicionalidade exige que o significado de uma expressão complexa seja determinado exclusivamente pelo significado de suas partes e pela forma como estas se combinam sintaticamente.

A solução proposta por Pagin passa por uma reformulação técnica do próprio conceito de "composicionalidade". Em vez de tratá-la como uma propriedade intrínseca da linguagem natural, ele a define como uma ferramenta explicativa no interior de uma teoria semântica. Com isso, torna-se possível sustentar que, mesmo em um sistema holista, é viável identificar regularidades composicionais locais que permitam a previsibilidade e a estabilidade do significado em determinados contextos.

A chave dessa compatibilização está no reconhecimento de que os significados podem ser modelados como funções de composição, cujos parâmetros variam de acordo com os contextos inferenciais. Em outras palavras, Pagin aceita a ideia de que os significados de expressões simples dependem de suas relações dentro de um sistema linguístico mais amplo, mas sustenta que essas relações podem ser suficientemente estáveis para permitir regras composicionais confiáveis. Nesse sentido, o autor propõe uma versão funcionalista da composicionalidade, em que as propriedades semânticas emergem da organização relacional de fatos linguísticos, sem que isso implique atomismo ou rigidez estrutural.

Essa abordagem representa uma inflexão importante no debate, pois permite a coexistência entre o reconhecimento da interdependência semântica e a necessidade de explicar como

os falantes conseguem compreender novas expressões e construir sentenças complexas. Pagin, assim, contribui para dissolver o impasse tradicional entre holismo e composicionalidade, indicando que esses conceitos não são necessariamente antagônicos, desde que reformulados com a devida precisão teórica.

Embora sua proposta não se fundamente em um modelo pragmático ou interpretativo, como no caso de Jackman, ela abre caminho para a elaboração de teorias semânticas que reconheçam o papel estruturador do contexto e das práticas inferenciais, sem sacrificar os ganhos explicativos da composicionalidade. Seu trabalho, portanto, ocupa um lugar de destaque entre as tentativas de atualizar o holismo semântico à luz das exigências da filosofia da linguagem contemporânea.

2.3 Henry Jackman: holismo semântico e contextualismo metassemântico

A versão moderada do holismo semântico proposta por Henry Jackman é apresentada ao longo de quatro artigos fundamentais: "Moderate Holism and the Instability Thesis" (1999a), "Holism, Relevance and Thought Content" (1999b), "Descriptive Atomism and Foundational Holism: Semantics between the Old Testament and the New" (2006) e "Externalism, Metasemantic Contextualism, and Self-Knowledge" (2015). Ao longo desses textos, Jackman desenvolve uma abordagem gradual e coerente, na qual o holismo semântico é reformulado de maneira a resistir às críticas tradicionais relacionadas à mudança de opinião, à inferência, à aprendizagem linguística e à comunicação interpessoal.

A crítica da tese de instabilidade ocupa lugar central em sua teoria. Jackman argumenta que, ao contrário do que afirmam os oponentes do holismo, é possível mudar de opinião sem que isso implique uma alteração radical em todo o sistema de significados. Do mesmo modo, ele sustenta que é possível haver desacordo entre falantes sem que isso inviabilize a comunicação, e que se pode aprender uma língua de forma gradual mesmo que os significados dependam de uma rede contextual ampla.

No artigo de 1999b, Jackman destaca que o significado de uma expressão pode variar conforme o contexto em que ela é empregada, sem que isso implique instabilidade semântica. Ele analisa, por exemplo, o caso da ambiguidade da palavra "banco", que pode significar tanto uma instituição financeira quanto um assento. Para o autor, a sensibilidade contextual dessa palavra se deve à existência de diferentes entradas lexicais que são ativadas de acordo com os contextos relevantes. Jackman considera que essa variação pode ser explicada sem que se recorra à simples noção de ambiguidade, mas sim por meio de uma abordagem holista moderada.

Esse tipo de análise se estende ao exemplo clássico de Tyler Burge sobre a palavra "artrite". No experimento mental proposto por Burge (1979), um paciente utiliza a palavra "artrite" para se referir a dores em diversas partes do corpo, incluindo o quadril, mesmo que esta não seja uma aplicação médica correta. Jackman observa que esse uso revela uma variabilidade semântica sensível ao contexto e às crenças do falante, e que essa variabilidade pode ser explicada pelo holismo moderado, sem comprometer a possibilidade de interpretação ou comunicação.

Casos semelhantes ocorrem com nomes próprios, como "Moisés". Jackman cita o exemplo de Wittgenstein (1953, § 79), segundo o qual a frase "Moisés não existiu" pode ter múltiplos sentidos, dependendo do que se quer negar: que não houve um líder na saída do Egito, que o nome do líder não era Moisés, ou que a figura descrita na Bíblia é uma construção simbólica. A interpretação correta depende, portanto, do contexto e das crenças relevantes que estão em jogo.

Jackman rejeita três respostas tradicionais a esse tipo de variação semântica: (i) que não há, de fato, variação referencial; (ii) que se trata de casos de indexicalidade; (iii) que as palavras são simplesmente ambíguas. Para ele, nenhuma dessas abordagens é suficiente para explicar a complexidade envolvida. Em vez disso, ele defende que os falantes, em contextos comunicativos reais, tendem a privilegiar certos usos em detrimento de outros com base na expectativa

de convergência interpretativa, uma expectativa fundamentada no princípio de caridade, tal como formulado por Davidson.

O princípio de caridade consiste em interpretar as falas e crenças do outro de maneira a torná-las, tanto quanto possível, verdadeiras ou racionais. No contexto do holismo semântico moderado, esse princípio opera como um filtro pragmático que guia a convergência interpretativa, especialmente em situações ambíguas ou de mal-entendido. Jackman aprofunda essa ideia ao mostrar que, mesmo quando os falantes ativam diferentes redes de crenças, a comunicação ainda é possível graças a esse esforço mútuo de ajuste e racionalização. Em contextos cotidianos, isso se traduz na prática em interpretar o interlocutor "da melhor maneira possível", priorizando interpretações que maximizem a coerência com crenças compartilhadas, intenções presumidas e normas discursivas. Desse modo, o princípio de caridade atua como um estabilizador semântico: mesmo quando há usos idiossincráticos ou marginais, os intérpretes tendem a descartar leituras que dificultariam a comunicação. Assim, o holismo moderado de Jackman assume uma relação "muitos-para-um" entre crenças e significados, em oposição à visão tradicional "um-para-um". Isso significa que diferentes configurações de crenças podem convergir para um mesmo valor semântico, desde que haja uma ponderação contextual adequada.

Essa ideia é aprofundada a partir do exemplo do nome "Aristóteles". Jackman argumenta que, embora existam diversas obras atribuídas a Aristóteles, algumas delas — como a *Ética* a Nicômaco, a *Política* e a *Poética* — têm maior peso nas crenças dos falantes. Assim, mesmo que outras obras fossem erroneamente atribuídas ao mesmo autor, o nome "Aristóteles" tenderia a ser usado, por convenção e relevância, para designar o autor das obras mais célebres. O que importa, nesse caso, não são apenas as crenças, mas o "peso" relativo que elas adquirem em contextos determinados.

Esse "peso das crenças" é uma das inovações centrais do modelo de Jackman. Ele sustenta

que a importância relativa das crenças muda conforme os interesses comunicativos e interpretativos dos falantes. Em uma situação na qual, por exemplo, um pesquisador trabalha exclusivamente com os textos sobre os sonhos atribuídos a Aristóteles, esse subconjunto de crenças pode ganhar mais peso do que as crenças geralmente mais difundidas sobre a Ética ou a Política. O significado do nome "Aristóteles", portanto, pode se ajustar dinamicamente a esse novo peso contextual.

A partir dessa noção, Jackman mostra que é possível explicar fenômenos como ambiguidade, polissemia e usos marginais de termos linguísticos sem recorrer a uma teoria semântica atomista ou estritamente convencionalista. Sua proposta se baseia em três pilares: o holismo semântico, o contextualismo metassemântico e o princípio de caridade. Esses três elementos se articulam de modo a permitir uma interpretação dinâmica e situada dos significados, respeitando as práticas reais de uso da linguagem.

Outro aspecto importante da teoria de Jackman é a distinção entre semântica descritiva e semântica fundacional (ou metassemântica), conforme delineado por Stalnaker (1997). Enquanto a semântica descritiva busca dizer como os termos de uma linguagem se comportam em nível de uso, a metassemântica se pergunta por quais razões tais termos têm os significados que têm. É nesse nível fundacional que o holismo moderado de Jackman se situa: ele pretende explicar não apenas os padrões semânticos observáveis, mas os fatores que os tornam possíveis.

Em seu artigo de 2015, Jackman amplia sua teoria ao integrar o holismo com o externalismo e o contextualismo metassemântico. Ele introduz o chamado "princípio da autointerpretação", inspirado na concepção davidsoniana de maximização da verdade. Segundo esse princípio, um agente deve interpretar suas próprias palavras e crenças de modo a preservar o máximo possível de compromisso com a verdade, não apenas em número de crenças verdadeiras, mas também considerando o peso relativo de cada crença. Esse compromisso é o que sustenta o autoco-

nhecimento e permite ao falante se reconhecer como autor responsável por seus próprios atos linguísticos.

Por fim, Jackman distingue entre contextualismo semântico e contextualismo metassemântico: o primeiro trata da sensibilidade dos significados às características do contexto; o segundo busca explicar como os significados são fixados inicialmente, considerando os fatores contextuais e pragmáticos envolvidos. Essa distinção é essencial para compreender a abordagem holista moderada de Jackman, que se apoia em uma concepção dinâmica, interpretativa e situada do significado linguístico.

Com isso, Jackman oferece uma versão do holismo semântico capaz de resistir às objeções clássicas e de fornecer ferramentas conceituais para explicar a variabilidade semântica em contextos reais de comunicação, sem abrir mão da estabilidade necessária para a compreensão e a tradução. Sua proposta constitui, portanto, a mais sólida e abrangente formulação contemporânea do holismo semântico moderado.

Aplicações do holismo moderado a fenômenos linguísticos

A proposta de Jackman não se limita à reformulação teórica do holismo semântico; ela também se mostra frutífera para a análise de fenômenos linguísticos concretos, oferecendo uma alternativa interpretativa consistente para lidar com casos tradicionalmente problemáticos, como a ambiguidade, a polissemia, os usos idiossincráticos e os nomes próprios. Esses fenômenos são compreendidos, na perspectiva do holismo moderado, como efeitos da sensibilidade contextual do significado e da relação dinâmica entre crença e linguagem.

Um caso particularmente esclarecedor para ilustrar a aplicação do holismo semântico moderado é o da ambiguidade lexical presente em termos como "vela", que pode designar tanto um objeto usado para iluminação quanto uma parte de uma embarcação. Abordagens semânticas tradicionais tendem a tratar essas acepções como entradas distintas no léxico mental, organizadas

de forma separada. Tal estrutura implica uma duplicação rígida de significados, o que o holismo moderado proposto por Jackman procura superar ao considerar que o significado se estabiliza a partir do contexto e das redes inferenciais em que o termo está inserido.

Segundo Jackman, não é necessário recorrer a uma taxonomia duplicada para dar conta de tal ambiguidade. O que está em jogo não é uma duplicidade essencial, mas uma variação inferencial e contextual. O holismo moderado entende que o significado emerge da rede de crenças ativas e do contexto pragmático em que o termo é empregado. Assim, em vez de múltiplas entradas fixas, há uma única unidade semântica cujo valor interpretativo é modulado por fatores extralinguísticos e situacionais.

Essa dinâmica pode ser formalizada da seguinte maneira:

$$\text{Significado}(x) = f(C,B)$$

em que:

- x é o termo linguístico em questão (por exemplo, "massa");
- C é o contexto comunicativo ou pragmático (situação discursiva, intenções, expectativas, domínio de discurso);
- B é o conjunto de crenças ativadas pelo falante e compartilhadas, ao menos parcialmente, pelo ouvinte.

Por exemplo, em uma conversa entre nutricionistas, o termo "massa" tende a ativar inferências relacionadas a carboidratos, índices glicêmicos, dietas e composição nutricional. Já em um contexto de física, o mesmo termo remete a conceitos como gravidade, inércia ou energia cinética. O significado é selecionado com base na convergência interpretativa entre os interlocutores, guiada por suas crenças compartilhadas e pelos propósitos específicos do ato comunicativo.

Nesse modelo, o holismo moderado explica a ambiguidade lexical não como um defeito do sistema linguístico, mas como uma característica funcional da linguagem natural, que se adapta com fluidez à complexidade dos contextos huma-

nos. A polissemia não é um ruído a ser eliminado, mas um efeito da plasticidade interpretativa derivada da relação entre linguagem, crença e uso.

Esse modelo também permite compreender casos como o clássico exemplo de Tyler Burge sobre a palavra "artrite". Nesse cenário, o falante usa o termo para designar dores em regiões do corpo que não correspondem à definição médica do termo. Jackman vê nesse exemplo um caso paradigmático da relação entre crença, contexto e significado: o uso idiossincrático da palavra manifesta um sistema de crenças parcialmente verdadeiro que sustenta, naquele contexto, um valor semântico particular.

Casos paradigmáticos para o holismo semântico moderado aparecem no uso de nomes próprios, cuja interpretação depende não apenas de uma referência fixa, mas das crenças contextualmente associadas a esses nomes pelos falantes. Exemplos como "Moisés" e "Aristóteles", frequentemente discutidos na literatura filosófica, ilustram com precisão esse ponto. Esses exemplos mostram como as crenças moldam a interpretação. Para representar essa dinâmica, Jackman propõe um modelo baseado no peso relativo das crenças, que pode ser formalizado da seguinte forma:

$$\text{Sign}(x) = \{ b_1^{p_1}, b_2^{p_2}, \dots, b_n^{p_n} \}$$

Nessa notação:

- x representa a expressão linguística (por exemplo, um nome próprio como "Aristóteles");
- b_n são as crenças associadas a x ;
- $p_n \in [0,1]$ indica o peso relativo dessas crenças no contexto de uso.

A interpretação de x resulta da ponderação dessas crenças. Ou seja, mesmo que diferentes interlocutores tenham crenças distintas sobre "Aristóteles", se houver convergência suficiente nos elementos com maior peso — como a associação ao autor da *Ética a Nicômaco* —, a comunicação permanece possível e eficaz.

Esse modelo permite explicar não apenas a ambiguidade controlada dos nomes próprios,

mas também fenômenos como a polissemia e a mudança semântica gradual. Em vez de postular sentidos múltiplos rigidamente fixados no léxico mental, o holismo moderado sustenta que a polissemia emerge da reconfiguração contextual das crenças relacionadas a uma expressão.

Por exemplo, a palavra "rede" pode significar um instrumento de pesca, uma estrutura de fios entrelaçados, ou um sistema de conexões digitais (como uma rede social). Em vez de tratar essas acepções como entradas completamente separadas no léxico, o holismo moderado sugere que elas compartilham núcleos conceituais comuns e se especializam de acordo com os contextos comunicativos. Assim, os significados de palavras polissêmicas são resultados da história inferencial dos seus usos e das redes de crenças que os sustentam.

Do mesmo modo, a mudança semântica ocorre quando certas crenças perdem peso e outras ganham centralidade ao longo do tempo, deslocando gradualmente o significado de uma palavra. Isso pode ser observado em expressões como "mídia", que originalmente se referia a meios técnicos de comunicação, mas hoje tende a se identificar diretamente com agências de notícias ou redes sociais.

Portanto, o modelo proposto por Jackman não apenas supera os limites da semântica atomista ou estritamente composicional, como também oferece ferramentas concretas para analisar o funcionamento real da linguagem. O significado, nessa perspectiva, é uma função dinâmica, dependente do contexto, das crenças compartilhadas e das práticas discursivas. A formalização com pesos diferenciais fornece um instrumento potente para capturar a variabilidade semântica sem sacrificar a inteligibilidade, um equilíbrio essencial para qualquer teoria do significado que pretenda ser fiel à linguagem natural.

4 Considerações finais

Este artigo defendeu uma versão moderada do holismo semântico, tendo como principal referência a proposta de Henry Jackman. Argumentamos que é possível compatibilizar a interdependência

conceitual dos significados com a estabilidade comunicativa desde que se rejeite a versão radical do holismo, frequentemente caricaturada nas críticas de Fodor e Lepore.

Exploramos três vertentes contemporâneas do holismo moderado: a holicidade local de Warfield; a compatibilização com a composicionalidade em Pagin; e o modelo relacional e contextualista de Jackman. Este último, ao introduzir noções como o peso relativo das crenças e o papel normativo do princípio de caridade, permite modelar formalmente o significado como função de contexto e rede de crenças, explicando como a variabilidade interpretativa se mantém inteligível.

Essa perspectiva foi testada na análise de fenômenos semânticos — ambiguidade, polissemia e nomes próprios —, demonstrando não só sua coerência filosófica, mas também sua fecundidade analítica. Os exemplos mostraram que a linguagem opera por interconexões dinâmicas que se estabilizam localmente em função do contexto, das intenções comunicativas e das crenças compartilhadas.

Além de seu alcance filosófico, o holismo semântico moderado apresenta também desdobramentos promissores para outras disciplinas da linguagem. Ao enfatizar a importância do contexto e da rede inferencial, esse modelo dialoga diretamente com a pragmática contemporânea e com abordagens da semântica cognitiva, que reconhecem o papel da experiência e da estrutura conceitual na construção de sentido. Futuras investigações poderão explorar aplicações empíricas desse quadro teórico a dados reais de uso linguístico, ampliando sua pertinência interdisciplinar.

O que se delineia, portanto, é uma concepção de significado não como essência estática, mas como responsabilidades assumidas na prática discursiva, uma construção que nos envolve, nos excede e nos compromete. Em tempos de sobrecarga semântica e discursos fragmentados, talvez seja precisamente essa visão relacional e situada do sentido que possa reabilitar uma ética da linguagem: compreender o que as palavras querem dizer é também assumir o mundo que

elas constroem.

Agradecimentos

Agradeço aos dois pareceristas anônimos pelas observações criteriosas que contribuíram significativamente para o aprimoramento deste artigo. Este trabalho deriva de minha tese de doutorado em Filosofia na Pontifícia Universidad Católica de Chile, e devo especial gratidão a meu orientador, José Tomás Alvarado, por sua orientação intelectual decisiva. Agradeço também à Universidad Finis Terrae, na qual atuo como docente e pesquisador, pelo apoio institucional e incentivo contínuo às minhas publicações. Registro, ainda, meu agradecimento a Araceli Pimentel Godinho, pela revisão editorial cuidadosa e atenta do manuscrito.

Referências bibliográficas

ALLAN, K. *Concise encyclopedia of semantics*. Amsterdam: Elsevier, 2009.

ASHER, N. *Lexical meaning in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BURGE, T. Individualism and the mental. In: FRENCH, P.; WETTSTEIN, H.; UEHLING, T. (ed.). *Midwest studies in philosophy IV: studies in metaphysics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1979. p. 73-121.

DAVIDSON, D. Radical interpretation. *Dialectica*, Neu-châtel, v. 27, p. 314-328, 1973.

DRESNER, Eli. Holism, language acquisition and algebraic logic. *Linguistics and Philosophy*, Dordrecht, v. 25, p. 419-452, Aug. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1020895422437>.

DUMMETT, M. *Frege: philosophy of language*. London: Harper & Row, 1973.

DUMMETT, M. What is a theory of meaning? II. In: EVANS, G.; MCDOWELL, J. (ed.). *Truth and meaning*. Oxford: Oxford University Press, 1976. p. 67-137.

ESTRELA, K. A. D. F. *Holismo semântico moderado*. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidad Católica de Chile, Santiago, 2019.

FALKUM, I. L.; VICENTE, A. Polysemy: current perspectives and approaches. *Lingua*, Amsterdam, v. 157, p. 1-16, 2015.

FODOR, J. *Psychosemantics: the problem of meaning in the philosophy of mind*. Cambridge: MIT Press, 1987.

FODOR, J.; LEPORE, E. *Holism: a shopper's guide*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.

FODOR, J.; LEPORE, E. Why meaning (probably) isn't conceptual role. *Philosophical Issues*, Stanford, v. 3, p. 15-35, 1993.

JACKMAN, H. Descriptive atomism and foundational holism: semantics between the Old Testament and the New. *Protosociology*, Frankfurt, v. 21, p. 5-19, 2006.

JACKMAN, H. Externalism, metasemantic contextualism, and self-knowledge. In: GOLDBERG, S. (ed.). *Externalism, self-knowledge, and skepticism: new essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 228-247.

JACKMAN, H. Holism, relevance and thought content. *Proceedings of the Ohio Philosophical*, Athens, p. 140-151, 1999b.

JACKMAN, H. Meaning holism. In: ZALTA, E. N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: Metaphysics Research Lab, Fall 2014. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/meaning-holism/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

JACKMAN, H. Moderate holism and the instability thesis. *American Philosophical Quarterly*, Urbana, v. 36, n. 4, p. 361-369, 1999a.

KEMPSON, R. *Semantic theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

KENNEDY, C. Ambiguity and vagueness: an overview. In: MAIENBORN, C.; PORTNER, P.; HEUSINGER, K. von (ed.). *Handbook of semantics*. The Hague: Mouton de Gruyter, 2011. p. 507-534.

PAGIN, P. Is compositionality compatible with holism? *Mind and Language*, Oxford, v. 12, n. 1, p. 11-33, 1997.

PAGIN, Peter. Compositionality and context. In: PREYER, Gerhard; PETER, Georg (org.). *Contextualism in philosophy: knowledge, meaning, and truth*. New York: Oxford University Press, 2005. p. 303-348.

PUTNAM, H. Meaning holism. In: HAHN, L. E.; SCHILPP, P. A. (ed.). *The philosophy of W. V. Quine*. Chicago: Open Court, 1986. p. 427-431.

SMUTS, J. C. *Holism and Evolution*. London: Macmillan, 1926.

STALNAKER, Robert. Reference and necessity. In: HALE, Bob; WRIGHT, Crispin (ed.). *A companion to the philosophy of language*. Cambridge: Blackwell, 1997. p. 534-554.

WARFIELD, T. On a semantic argument against conceptual role semantics. *Analysis*, Oxford, v. 53, n. 4, p. 298-304, 1993. DOI: 10.2307/3328254.

WEIR, A. J. Against holism. *Philosophical Quarterly*, Oxford, v. 35, p. 225-244, Jul. 1985.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. Oxford: Blackwell, 1953.

Kênio Angelo Dantas Freitas Estrela

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Chile. Professor da Escola de Filosofia da Universidad Finis Terrae (Chile), com pesquisas em filosofia da linguagem e semântica.

Endereço para correspondência

KÊNIO ANGELO DANTAS FREITAS ESTRELA

Av. Pedro de Valdivia 1509, 7501014

Providencia, Región Metropolitana, Chile

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.